



DE “GAROTO INOFENSIVO” A **BASILEUS ALEXANDROS**. SOBRE AS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO DE ALEXANDRE

José das Candeias Sales¹

«Aconteceu que, depois de se ter apoderado da Grécia, Alexandre, filho de Filipe da Macedónia, oriundo da terra de Kitim, derrotou também Dario, rei dos persas e dos medos, e reinou em seu lugar. Empreendeu inúmeras guerras, apoderou-se de muitas cidades e matou vários reis da terra. Atravessou-a até aos seus confins, apoderou-se das riquezas de vários povos e a terra rendeu-se-lhe. Tornou-se orgulhoso e o seu coração ensorbeceu-se. Reuniu poderosos exércitos, submeteu ao seu império regiões e os reis pagaram-lhe tributo. Finalmente, adoeceu e viu que a morte se aproximava. Convocou, então, os seus oficiais, os nobres da sua corte, que com ele se tinham criado desde a sua juventude, e, ainda em vida, dividiu o império entre eles. Alexandre reinara doze anos, e morreu. Em seu lugar, entraram a reinar os seus generais, os quais, depois da sua morte, cingiram o diadema, e, depois deles, os seus filhos durante muitos anos; e multiplicaram-se os males sobre a terra.» (1º Macabeus, 1, 1-10).

Tema Livre

Resumo: Quando Alexandre subiu ao trono da Macedónia, Demóstenes chamou-lhe «garoto inofensivo». O que é facto é que o jovem rei, em pouco mais de um ano, unificou a Grécia, foi designado *hegemon* (chefe supremo das forças gregas), iniciou as hostilidades directas com os Persas e, em pouco mais de dois anos (334 a 332 a.C.), realizou uma série de imparáveis conquistas do Mar Negro até ao Vale do Nilo, retirando inúmeras cidades e regiões do domínio aqueménida. Mais tarde, com a tomada das capitais reais Babilónia, Susa, Persépolis e Pasárgada e consequente recolha das suas inúmeras riquezas financeiro-monetárias, Alexandre tornou-se senhor de um vasto império. Com a morte de Dario III Codomano, proclama-se herdeiro do império aqueménida, realizando, assim, o evento político mais importante da história do Próximo Oriente da sua época. Alexandre foi, de facto, o primeiro grande conquistador a unir a Grécia, o Egipto, a Ásia Menor e a Ásia, dominando um império que se estendia do Adriático ao Indo, do Danúbio às cataratas do Nilo, criando um poderoso sincretismo étnico entre os Macedónios e as populações conquistadas (especialmente com os Persas Aqueménidas) e assegurando a expansão das ideias, cultura e mentalidade dos Gregos.

Palavras-Chave: Alexandre Magno, vitórias militares, identidade político-cultural.

1 Doutorado em História Antiga pela Universidade Aberta, Lisboa; Professor Auxiliar com Agregação na Universidade Aberta; investigador integrado do Centro de História da Universidade de Lisboa. Email: Jose.Sales@uab.pt.



Ao contrário de Ésquines, seu contemporâneo e rival, que fazia parte do partido pró-monárquico (a que também pertencia Isócrates) e que aderiu à causa de Filipe II e dos Macedônios (FERREIRA, 1992a, p. 491, 500-502, 517 e ss.; LEÃO, 2012, p. 100, 101), o político e orador ateniense Demóstenes (383-322 a.C.) foi um dos principais opositores ao domínio da Grécia pelos Macedônios («os bárbaros do Norte», como lhes chamava), nomeadamente pelo rei Filipe II da casa real argéada, contra o qual pronunciou, a partir de 351 a.C., quatro *Filípicas*². Defensor dos tradicionais ideais democráticos da pólis e considerando a monarquia como sinónimo de tirania, Demóstenes combateu a perda de independência face aos Macedônios (uniu Atenas e Tebas para a Batalha de Queroneia, em 338 a.C.) e a sua dissolução na vastidão do grande império de Alexandre (JOUQUET, 1972, p. 79)³.

Após a morte de Filipe II, em 336 a.C., quando Alexandre subiu ao poder como Alexandre III, com apenas 20 anos, Demóstenes considerou-o um «garoto inofensivo», não prevendo o enorme sucesso político e militar que o herdeiro do trono da Macedónia viria a conhecer e desvalorizando inclusive os feitos que já cometera ainda regente, em 340 a.C. (com 16 anos), assegurando a dominação sobre os Trácios e os Ilírios, e, dois anos depois, em 338 a.C., quando à frente da cavalaria macedónica venceu a batalha de Queroneia (4 de Agosto), esmagando decisivamente a revolta das forças gregas, atenienses e tebanas. Prelúdio da dominação macedónica da Grécia, a batalha constituiu um momento decisivo da história grega e foi o acontecimento-chave para que,

2 Escrevendo para terceiros ou discursando em seu próprio nome, Demóstenes começou a intervir na vida pública da cidade com discursos como *Contra Andrócion*, *Contra Léptines*, *Contra Timócrates*, e outros sobre questões de política externa, como *Sobre as Simorias*, *Em defesa dos Megalopolitanos* ou *Sobre a liberdade dos Ródios* (PLUTARCO, *Vidas Paralelas - Demóstenes e Cícero*, p. 14; PEARSON, 1964, p. 95-109). O seu desprezo pelo rei dos Macedônios e sobre a Macedónia era total: «*Filipe, homem que não é grego nem afim dos gregos, nem sequer bárbaro de qualquer país respeitável; não passa de um pestilento produto da Macedónia, região da qual não conseguimos nem sequer um escravo decente*» (DEMÓSTENES, *Filípicas*, III, 31). Filipe II foi, porém, o maior homem de estado e general do seu tempo, sendo o verdadeiro fundador do poderio militar macedónico que seu filho iria usar para conquistar e helenizar o Médio Oriente (WORTHINGTON, 2014). É, de facto, sob o comando de Filipe II que a Macedónia começa a tomar lugar entre os mais importantes estados gregos, procedendo o rei à unificação de inúmeros pequenos principados em torno da capital Pela, reforçando, assim, a força da monarquia macedónica no contexto da Grécia. Foi Filipe II quem, em 20 anos, transformou a Macedónia num grande estado centralizador e quem conseguiu integrar quase todas as cidades da Grécia balcânica, à excepção de Esparta, na Liga de Corinto (BRIANT, 1987, p. 14, 15; KITTO, 1990, p. 257; MOSSÉ, 2005, p. 18-24, 57; HECKEL, 2010, p. 47-49).

3 Mesmo depois da morte de Alexandre, mesmo no exílio, Demóstenes continuou a falar em libertação e a exortar os Gregos a lutarem pela sua independência, defendendo a democracia ateniense como único baluarte da liberdade. Isso valeu-lhe ser chamado a Atenas que o recebeu entusiasticamente (PLUTARCO, *Vidas Paralelas - Demóstenes e Cícero*, p. 19).



em 337 a.C., a Confederação Helénica de Corinto concedesse os poderes hegemónicos a Filipe (*hegemon* e *strategos autokrator*) e, dois anos mais tarde, em 335 a.C., a Alexandre Magno, então já rei dos Macedónios. Activava-se o espírito da união pan-helénica, com os Persas em mente (FREEMAN, 1996, p. 257; MOSSÉ, 2005, p. 26; LEÃO, 2012, p. 100).

A partir daí, inicia-se uma série de fulgurantes vitórias militares que literalmente mudaram a face do mundo de então. Alexandre assumiria na íntegra a herança do pai, quer em relação ao domínio definitivo sobre a Grécia, quer, fora da Grécia, contra os Persas, os inimigos hereditários dos Gregos. Historicamente, caberia a Alexandre vingar as humilhações e afrontas impostas pelos Persas aos Gregos, assumir assim a «chefia da expedição» ou dos aliados gregos e, aproveitando o assassinato de Artaxerxes III Oco, enfrentar a Pérsia como o único e grande entrave à efectiva hegemonia macedónico-helénica.

A gesta de Alexandre inicia-se, no fundo, com o domínio eficaz de alguns pretendentes ao trono (nomeadamente o sobrinho de Filipe II, Amintas, e o filho recém-nascido de Filipe II e Cleópatra) e dos vários povos que aproveitaram a morte do rei Filipe para se sublevarem (BOSWORTH, 1971, p. 93, 101, 102; BADIAN, 1963, p. 244; ELLIS, 1971, p. 19, 20, 23). Com coragem, astúcia e alguma crueldade, Alexandre vence, em cerca de 15 meses, os inimigos balcânicos e Gregos: Trácios, Getas, Ilírios e Tebanos⁴. A passagem do Helesponto e o cravar da lança macedónica em território asiático, proclamando-o, assim, *dorykhétos chora* (terra conquistada pela ponta da lança), eram uma demonstração do ímpeto militar entretanto adquirido e deixavam pressentir a sua continuidade (LÉVÊQUE, 1980, p. 106).

Tema Livre

O ESTABELECIMENTO DO IMPÉRIO MACEDÓNICO

A partir da informação das principais fontes (Diodoro, Plutarco, Quinto Cúrcio e Arriano)⁵, o estabelecimento do império macedónico decorrente da acção político-militar de Alexandre Magno pode ser perspectivado histórica e geograficamente e para isso é obrigatório efectuar uma análise operativa dividida em dois momentos principais, finalmente interligados: por um lado, a extensão do domínio macedónico na Grécia continental e, por outro,

4 A cidade de Tebas é destruída com vários actos de crueldade. São mortos 6000 dos seus habitantes e os restantes (30.000) reduzidos à escravidão. Tudo com o aval da Liga de Corinto (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 11 e 12). Vide também BOSWORTH, 1988, p. 33.

5 Ressalve-se, todavia, que todas as narrativas, secundárias, foram elaboradas três ou quatro séculos depois (MOSSÉ, 2005, p. 11, 12; HECKEL, 2010, p. 29-37; LEÃO, 2012, p. 97; CHUGG, 2015, p. 1-6).



as conquistas fora da Grécia continental, primeiro na Ásia Menor e depois nas regiões do Médio Oriente, objectivamente territórios persas. É uma síntese explicativa destes momentos, suas etapas, objectivos e motivações que procuraremos estabelecer neste texto.

O primeiro destes momentos é obra atribuível conjuntamente a Filipe II e a Alexandre (embora com pesos diferentes) e ocupa o lapso cronológico que se estende da assunção do poder por Filipe II (359 a.C.) à passagem do Helesponto por Alexandre (334 a.C.). São, *grossso modo*, 25 anos marcados pelo aniquilamento dos pretendentes ao trono e das forças ilírias que ocupavam certas regiões da costa da Macedónia e pelo reforço do exército e da táctica militar baseada na infantaria pesada, isto é, na falange compacta equipada com espadas curtas, escudos e sarissas (HAMMOND, 1974, p. 77-80; WORTHINGTON, 2016). Em termos de acontecimentos, este período tem como principais marcos a derrota do «Batalhão Sagrado» tebano-ateniense em Queroneia (338 a.C.), a constituição da Liga de Corinto (337 a.C.)⁶ e o domínio das sublevações e revoltas a oeste e leste da Macedónia e em Tebas e Atenas.

O segundo momento (as conquistas fora da Grécia continental), já da responsabilidade exclusiva de Alexandre, pode ser, por sua vez, decomposto em várias etapas sucessivas. Assim, desde logo, os três-quatro anos, entre 334-331 a.C., que geograficamente correspondem à conquista das regiões das costas da Ásia Menor (de Pela ao Egipto, pelo Helesponto), cujo objectivo era, no fundo, quebrar toda e qualquer pretensão de ataques persas à Grécia por mar, destruindo todas as suas bases marítimas e inutilizando, assim, o seu poderio marítimo, reforçando em consequência o poder da monarquia macedónica e libertando as cidades gregas da Ásia Menor, a designada «**estratégia de libertação**» (FREEMAN, 1996, p. 262; MOSSÉ, 2005, p. 65)⁷. É nesta primeira etapa das conquistas macedónicas que têm lugar as batalhas de Granico (334 a.C.) e de Issos (333 a.C.).

Os dois anos que medeiam entre 334 a.C. e 332 a.C. são, pois, marcados pela série de imparáveis conquistas do Mar Negro até ao Vale do Nilo. Paulatinamente, cidades como Sardes, Aspendos, Soloi, Éfeso, Priene, Mileto, Mégara, Górdio, Halicarnasso, Biblos, Sídón, Tiro, Gaza e Mênfis e regiões como a Mísia, a Lídia, a Cária, a Paflagónia, a Frígia Helespôntica, a

6 Pela primeira vez, um rei (primeiro Filipe II, em 337 a.C., e depois Alexandre, em 335 a.C.) – e não uma pólis – ocupa a sua direcção estratégica.

7 Em toda a parte, Alexandre apresentava-se como o defensor da liberdade, substituindo regimes vigentes por regimes mais ou menos democráticos. A «estratégia de libertação» continha naturalmente uma importante restrição: as cidades seriam livres sob a condição de obedecerem a Alexandre...



Grande Frígia, a Pisídia, a Panfília, a Cilícia, a Síría, a Fenícia, a Palestina e o Egípto caem sob o poder das forças de Alexandre Magno, furtando-se ao jugo aqueménida (MOSSÉ, SCHNAPP-GOURBEILLON, 1994, p. 404; FRYE, s.d., p. 151, 181; COOK, 1971, p. 161, 172; JOUGUET, 1972, p. 39; BONNARD, 1972, p. 184, 188, 189, 192; BRIANT, 1987, p. 27, 29; BOWRA, 1965, p. 168; DURAND, 1993, p. 180; SALES, 1999, p. 60). O primeiro grande passo, limitado, porém – «o domínio do litoral», como menciona Plutarco (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 24) –, estava dado e cumprido com sucesso.



Mapa 1. 334 a.C. - A conquista das regiões mediterrânicas:

de Pella a Halicarnasso (Granico, Sardes, Éfeso, Mileto, Halicarnasso).

(http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Alexander_III_conquest_from_Pella_to_Halicarnasse-fr.svg)



Mapa 2. 333 a.C. - A conquista das regiões mediterrânicas:

de Halicarnasso a Issos (Górdio, Ancire, Tarso, Issos).

(http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Alexander_III_conquest_from_Halicarnasse_to_Issos-fr.svg)



A julgar pelos escassos proventos económicos com que Alexandre Magno contava ao sair da Europa em 334 a.C. e às relativamente diminutas forças do seu exército⁸, é de admitir que o seu propósito inicial fosse apenas a conquista/ dominação das costas orientais do Mediterrâneo. Essa terá sido também a percepção político-militar dos Persas que consideraram a investida de Alexandre como destinada apenas àquela região, tal como haviam sido as acções (falhadas) de Parménion diante de Mémnon de Rodas que agora servia o grande Rei dos Persas. Daí que inicialmente o tivessem subestimado e o tivessem tentado sustentar logo após a passagem do Helesponto (em Granico com sátrapas locais e em Issos com comando directo do próprio Dario III Codomano), que lhe tivessem oferecido, já depois da fuga de Issos⁹, por carta, 10.000 talentos, em troca dos reféns (a família de Dario III: «a mãe e a mulher de Dario, e as suas duas filhas donzelas» - PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 21¹⁰), todo o império persa do Mediterrâneo ao Eufrates (a «zona exterior» do território imperial) e uma das filhas de Dario em casamento¹¹.

Para vários autores, foi na breve estadia no Egipto, designadamente com os vaticínios do pronunciamento oracular de Siuah, em 332 a.C., que Alexandre uniu todos os fios dispersos e soltos da sua vida e começou a pensar e a agir em termos diferentes, novos: «the sense that he was half divine was consolidated as he moved towards Egypt» (FREEMAN, 1996, p. 265; FERGUSON, 1973, p. 157; MOSSÉ, 2005, p. 32)¹². Ao aceitar e utilizar

8 Em Granico, Alexandre contou com cerca de 40.000 infantes e entre 4.000 e 5.000 cavaleiros, a que se juntaram os cerca de 10.000 expedicionários comandados por Parménion e Átalo, enviados para a Ásia Menor ainda por Filipe II para levarem a cabo operações preliminares. O exército persa tinha uma força militar avaliada em 50 vezes superior aos contingentes macedónios. Para Issos, Arriano (*Anábasis de Alejandro Magno*, II, 8, 6) fala de 600.000 homens do lado persa (HAMMOND, 1980a, p. 80-83; BRUNT, 1963, p. 22-39; DEVINE, 1986, p. 265-278; MOSSÉ, 2005, p. 134).

9 Após Issos, o rei Dario III Codomano entra em fuga, acompanhado pelas suas tropas fiéis e pela fina flor da nobreza persa: Nabarzanes, Atropates da Média, Autofradates da Tapúria, Fratafernes da Hircânia e da Pártia, Satibarzanes da Ária, Barsaentes da Aracósia e da Drangiana, Besso da Bactriana e 3000 outros cavaleiros.

10 «(...) αὐτῷ φράζει τις ἐν τοῖς αἰχμαλώτοις ἀγομένης μητέρα καὶ γυναῖκα Δαρείου καὶ θυγατέρας δύο παρθένους ἰδοῦσας». Para se ser completamente exacto, da família de Dario ficaram para trás a mãe (Sisigambis), a esposa (Estatira), três das suas filhas e o filho herdeiro.

11 A oferta dos territórios persas feita por Dario a Alexandre é, todavia, inconsistente com os preparativos militares do lado persa para a batalha de Gaugamela.

12 No próprio Egipto, a par da nomenclatura e titulatura reais, Alexandre consentiu a utilização iconográfico-simbólica de um conjunto de *regalia* ou atributos reais conformes à tradição faraónica autóctone (*pschent*, *kheprech*, serpente-*uraeus*, *ankh*, *chendjit*, cauda taurina, etc.), como acontece nas paredes exteriores do santuário do templo de Amon, em Luxor, para melhor afirmar o seu papel e poder no Egipto. Em flagrante contraste com os odiados Persas, como não usava barba,

em proveito próprio o princípio da ancestralidade divina em relação a Amon-Zeus, Alexandre Magno terá vislumbrado as consequências políticas que poderia retirar desta faceta sobrenatural associada à sua existência e redefine a estratégia de actuação política e militar dos Macedónios (WORTHINGTON, 2004, p. 113-116; SALES, 2005b, p. 71-104; BOCH-PUCHE, 2013; 2014; LADYNIN, 2016).



Mapa 3. 333-331 a.C. - A conquista das regiões mediterrânicas e das capitais persas: de Issos a Babilónia (Sídon, Tiro, Gaza, Egípto, Gaugamela, Babilónia).

(http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Alexander_III_conquest_from_Issos_to_Babylon-fr.svg)

Tema Livre

A segunda etapa (331-330 a.C.) parece, pois, uma consequência sobretudo ditada pela sorte dos acontecimentos, ultrapassando, em muito, os objectivos que Filipe II assumira ao liderar a Liga de Corinto (MOSSÉ, 2005, p. 41). Embora Alexandre se continuasse a movimentar no âmbito da estratégia pan-helénica da campanha contra a Ásia, a conquista das capitais persas que marca este período (Damasco, Tapsaco, Nisibe, Gaugamela, Babilónia, Susa, Persépolis, Pasárgada, Ecbátana) é já conduzida por finalidades diferentes, a saber, perseguir e capturar o Grande Rei dos Persas no coração do seu império (com o objectivo de terminar politicamente com as suas pretensões a «terras ocidentais») e captar recursos financeiros susceptíveis de sustentar a continuação das campanhas¹³. Uma expedição como a de Alexandre requeria

surgia aos olhos dos egípcios mais como um deles do que propriamente como um estrangeiro. Da mesma forma, autorizou o uso em si mesmo da onomástica e titulação dos antigos faraós (SALES, 1999, p. 62, 63; BRIANT, 1987, p. 58, 59; WEIGALL, s.d., p. 265; BURSTEIN, 1991, p. 139-145; BOCH-PUCHE, 2013; 2014; LADYNIN, 2016).

13 Em Susa, Alexandre apropria-se de 50.000 talentos em ouro e em Persépolis de 120.000 talentos de ouro. Estamos a falar de mais de 6000 toneladas de ouro, atendendo a que um talento corresponde a cerca de 27 Kg. Trata-se de uma quantia extraordinária que, segundo Plutarco,



recursos excepcionais e a captura de metais preciosos em grande quantidade era um elemento estratégico vital para a caminhada macedónica, pelo incentivo que significava à fidelidade e manutenção das suas tropas. A pose dos tesouros aqueménidas fornecia meios para pagar às tropas macedónias, bem como para recrutar/ formar contingentes iranianos. Em termos militares, é nesta etapa que ocorre a Batalha de Gaugamela/ Arbelos (1 de Outubro de 331 a.C.¹⁴).

Ao se apropriar de tão vasto tesouro que, posto em circulação, constituía uma parte substancial das riquezas mundiais em moeda cunhada e em barra, Alexandre Magno já não dependia, como até aí, exclusivamente, do auxílio directo dos Gregos e até, em última instância, dos Macedónios. O «conforto financeiro», rapidamente posto a circular, permitia-lhe assumir doravante um novo papel, já não simplesmente como rei dos Macedónios, mas sim como «**rei Alexandre**», rei de Macedónios e de Persas.

A correspondência trocada com Dario III denota já indiscutivelmente a assunção deste novo estatuto por Alexandre. Na versão de Arriano, quando o rei dos Persas lhe escreveu pedindo que lhe restituísse a mulher, as filhas e a mãe e propondo-lhe um tratado de amizade, Alexandre respondeu-lhe dizendo:

De agora em diante, quando te dirigires a mim fá-lo como ao rei de toda a Ásia, e não o faças em plano de igualdade, mas como ao senhor que sou de todas as tuas possessões, e nesse tom pede-me o que necessitares. De contrário, ofender-me-ás. E se me contestares aludindo à tua soberania, ergue-te e luta por ela e não fujas, porque tenho o firme propósito de te perseguir onde quer que te encontres (ARRIANO, *Anábasis de Alejandro Magno*, II, 14,9. A tradução é nossa¹⁵).

Tema Livre

Segundo Plutarco, Alexandre teria enfatizado ainda mais essa concepção depois de Gaugamela: «(...) *Alexandre proclamou-se rei da Ásia*,

necessitou de 10.000 pares de machos e de 5.000 camelos para a transportar (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 37). Recordemos apenas, a título de comparação, que Atenas tinha, no auge da sua prosperidade financeira, um rendimento anual de 1200 talentos (42,5 toneladas de ouro).

14 Sabemos a data exacta do combate na meseta de Gaugamela (Tell Gomel, a cerca de 35 km ao noroeste de Mosul, perto de Nínive) porque as fontes dizem-nos que 11 dias antes (noite de 20 para 21 de Setembro de 331 a.C.) teve lugar um eclipse lunar (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 31; ARRIANO, *Anábasis de Alejandro Magno*, III, 7; QUINTO CÚRCIO RUFO, *Historia de Alejandro Magno*, IV, 7; van der SPEK, 2003).

15 «καὶ τοῦ λοιποῦ ὅταν πέμπῃς παρ' ἐμὲ, ὡς πρὸς βασιλέα τῆς Ἀσίας πέμπε, μηδὲ [ᾧ] ἐξ ἴσου ἐπίστελλε, ἀλλ' ὡς κυρίῳ ὄντι πάντων τῶν σῶν φράζε εἰ τοῦ δέῃ: εἰ δὲ μή, ἐγὼ βουλευσόμεναι περὶ σοῦ ὡς ἀδικούντος, εἰ δ' ἀντιλέγεις περὶ τῆς βασιλείας, ὑπομείνας ἐτι ἀγώνισαι περὶ αὐτῆς καὶ μὴ φεῦγε, ὡς ἐγὼ ἐπὶ σὲ πορεύσομαι οὐ ἂν ἦς».



fez esplendorosos sacrifícios aos deuses e ofereceu aos seus amigos riquezas, estados e províncias» (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 34¹⁶). Ao se proclamar sucessor dos Aqueménidas, exercendo um poder despótico, Alexandre rompia com a tradição da realeza macedónia.

É em 330 a.C., na sequência da fuga de Dario III para Ecbátana, depois de Gaugamela, que Alexandre é proclamado rei da Ásia, protector da religião e das tradições indígenas (BOSWORTH, 1980, p. 5)¹⁷. Depois do assassinato de Dario III pelo sátrapa da Bactriana, Besso, em 330 a.C., proclamou-se sucessor dos Aqueménidas¹⁸. Os que não o reconhecessem como tal eram automaticamente considerados rebeldes. Daí que muitos notáveis persas se lhe tivessem associado (FRYE, s.d., p. 178).

Se, do ponto de vista político-militar, a Batalha de Issos mudou a face do mundo, o momento-chave da viragem é, porém, a Batalha de Gaugamela: a batalha da «Europa contra a Ásia», como já foi chamada.

A terceira etapa das conquistas fora da Grécia continental corresponde aos anos de 330-327 a.C. e assinala, no fundo, a conquista das satrapias orientais do antigo império Aqueménida: Susiana, Pártia, Hircânia, Margiana, Ariana, Drangiana, Bactriana, Sogdiana, Aracósia, Paropamisos.... O objectivo das operações militares de Alexandre e o avanço geográfico dos seus homens são conduzidos pelo objectivo claro de eliminar os assassinos de Dario III, nomeadamente Besso, o sátrapa da Bactriana, e os seus acólitos mais irredutíveis¹⁹. A progressão geográfica para oriente é marcada pela fundação

Tema Livre

16 «δὲ πρὸς τοὺς Ἑλληνας ἔγραψε τὰς τυραννίδας πάσας καταλυθῆναι καὶ πολιτεῦν αὐτόνομους, ἰδίᾳ δὲ Πλαταιεῦσι τὴν πόλιν ἀνοικοδομεῖν, ὅτι τὴν χώραν οἱ πατέρες αὐτῶν ἐναγωνίασσαι τοῖς».

17 Embora Arriano (Anábasis de Alejandro Magno, II 14,8-9), Quinto Cúrcio (Historia de Alejandro Magno, IV 1, 1-14) e Plutarco (Vida de Alexandre, 34,1) afirmem que Alexandre se proclamou «Rei da Ásia» e que passou a ocupar solenemente o trono de Dario, em Susa, não há provas que tenha alguma vez usado o título de «Rei dos Reis» ao tratar com o mundo grego.

18 Com cerca de 50 anos de idade, Dario III foi morto, em Julho de 330 a.C., em resultado de um *complot* de que faziam parte Besso (sátrapa da Bactriana), Barsaentes (sátrapa da Aracósia), Satibarzanes (sátrapa da Ária) e Nabarzanes (o quiliarca persa). Alexandre sentiu profundamente esta morte: «compungido com este fim e tirando a sua própria clâmide, lançou-a sobre Dario e com ela envolveu o cadáver» (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 43). Dispensou honras fúnebres ao antigo Grande Rei, como, aliás, já fizera com a esposa deste, falecida de parto aquando do seu aprisionamento, e colocou-o no panteão real de Pasárgada (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 30). Segundo o costume real macedónico, competia ao sucessor assegurar as cerimónias fúnebres do rei desaparecido. Dessa forma, Alexandre assumia simbolicamente o papel de sucessor do rei dos Aqueménidas. Neste sentido, uma grande parte do império persa não foi efectivamente conquistado, mas passou a pertencer-lhe ao ocupar o lugar do rei persa.

19 Foram precisos três anos (330-327 a.C.) para vencer Besso, o efémero sucessor «legítimo» de Dario III, sob o nome de Artaxerxes V, e submeter o Irão até ao rio Iaxares, ou seja, as regiões a leste do Mar Cáspio e ao Norte da Índia (hoje chamadas Turquemenistão, Uzbequistão e



de numerosas cidades, repetindo o modelo que se iniciara com a fundação de Alexandria do Egípto, e pela incorporação táctica de numerosos contingentes locais (sobretudo persas) nos corpos e divisões do seu exército («política de fusão das armas»), o que, mais tarde, se revelaria um forte pomo de discórdia e divergências com os veteranos e jovens macedónicos²⁰.

A última e quarta etapa (a campanha da Índia e o retorno), entre 327 e 324 a.C., tem como principal objectivo estender os domínios macedónicos até ao fim do mundo conhecido (Ganges)²¹. Tratou-se de um avanço para além dos limites do antigo império aqueménida através do Hindu-Kush, sendo atravessados os rios Hidaspes, Hidrautes e Hífaso. O processo de fundação de cidades continua e o principal acontecimento de armas desta etapa é a Batalha de Hidaspes (326 a.C.), em que Alexandre domina o rajá hindu Poro e o seu exército de 20.000 infantes indianos, 2.000 cavaleiros e centenas de elefantes, com vários arceiros e atiradores de lanças²².

Esta etapa é já marcada pelo profundo mal-estar entre as hostes macedónicas devido, segundo os cronistas, às numerosas alterações institucionais-comportamentais introduzidas por Alexandre (adopção/aceitação de usos e hábitos tradicionais dos Persas: tiara, manto de púrpura, língua, *proskynesis*; atribuição do título honorífico «parentes do rei» a alguns Persas; criação de uma escolta real, de uma falange, de uma coorte e de uma hiparquia persas; direcção político-administrativa de satrapias a autóctones em detrimento de Macedónios).

Cazaquistão e antigamente Margiana, Bactriana e Sogdiana). Mais do que com Dario III, seria, no fundo, com Besso que Alexandre acabaria por disputar efectivamente o domínio da Pérsia ou do Irão. Tratou-se de uma luta pela legitimidade e aceitação da autoridade (BOSWORTH, 1980, p. 6; MOSSÉ, 2005, p. 43; HECKEL, 2010, p. 123, 124). O impiedoso castigo infligido a Besso (crucificação, esquartejamento ou corte de nariz e orelhas antes da execução) foi particularmente violento (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 43; ARRIANO, *Anábasis de Alejandro Magno*, IV, 7, 3).

20 Alexandre não distinguia os súbditos pelo local de nascimento. Apostou no favorecimento de todos os homens de mérito e de boa fama, independentemente de serem Macedónios ou Gregos, Persas ou Indianos, acreditando ser possível alcançar uma convivência funcional dos dois mundos antigos, o bárbaro e o grego (BONNARD, 1972, p. 151). No âmbito da mesma política de conciliação, unificação e equilíbrio, optou pela manutenção de sátrapas persas no poder civil (LÉVÊQUE, 1964, p. 345).

21 É verosímil que Alexandre Magno tivesse a sensação de estar a seguir as passadas das míticas expedições de Héracles e Dioniso que subsistiam no imaginário helénico (MOSSÉ, 2005, p. 46).

22 O rei septuagenário, detentor das terras entre o Hidaspes e o Acesines, que viu mortos todos os seus comandantes de cavalaria e de infantaria, os seus condutores de carros e os *naïres*, os condutores de elefantes (ARRIANO, *Anábasis de Alejandro Magno*, V, 6-19, e QUINTO CÚRCIO, *Historia de Alejandro Magno*, VIII, 13). Vide também BRIANT, 1987, p. 104.



Mapa 4. 330-324 a.C.

330-327 a.C. - A conquista das capitais persas e das satrapias orientais:
Susa, Ecbátana, Pártia, Hircânia, Margiana, Ariana, Drangiana, Bactriana, Sogdiana, Aracósia
...; 327-324 a.C. - A campanha da Índia e o retorno (Punjab, Gedrósia, «Bodas de Susa»,
Babilónia).
(http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Alexander_III_conquest_from_Babylon_to_Indus_and_back-fr.svg)

A resistência das hostes macedónicas em prosseguir a marcha para lá do Ganges («o fim do mundo»), forçou Alexandre a ordenar o retorno à Macedónia²³. O fim da expedição ocorre em Susa (324 a.C.) onde têm lugar as célebres bodas em que os greco-macedónios tomam, sob ordem real, esposas persas. No maior esplendor, durante sete dias de recepções e festins, foi oferecido um faustoso banquete, à moda oriental, a 3000 convidados do rei. Noventa e um dos oficiais macedónios uniram-se também a mulheres persas (BOSWORTH, 1980, p. 11)²⁴. Participaram igualmente nos festejos os 10.000 soldados que haviam já casado com persas, a quem Alexandre ofereceu grandes dotes, considerando-os seus «parentes». Além disso, consagrou

Tema Livre

23 O regresso é feito em 3 grupos por 3 vias: Crátero viaja pelo interior do continente asiático, através da Aracósia; Alexandre desloca os seus homens pelo deserto da Gedrósia e Nearco e Onesícrito fazem-no por mar, junto à costa, até ao Golfo Pérsico. A principal razão do percurso escolhido por Alexandre parece ter sido a emulação da lendária rainha Semiramis, que se dizia ter conquistado a Índia e ter regressado a Babilónia por esse percurso (STONEMAN, 2008, p. 152).

24 O próprio Alexandre deu o exemplo ao casar com Estatira ou Parisátide, filha de Dario III. Heféstion desposou Dripetis, a irmã mais nova de Estatira, tornando-se, assim, cunhado do rei. Seleuco, o general que viria a ser um dos mais poderosos diádocos de Alexandre, uniu-se a Apama, filha de Espitameno, sátrapa da Sogdiana, companheiro de armas de Besso. Crátero casou com Amástris, filha de Oxatres e sobrinha do Grande Rei. Perdicas recebeu a filha de Atropates, príncipe dos Medos. Ptolomeu, o Lágida, desposou Artakama, a filha do venerável Artabazo. Artónis, irmã de Artakama, foi entregue a Euménio de Cardia. Nearco casou com a filha do rodíota Mentor (ARRIANO, *Anábasis de Alejandro Magno*, VII, 4, 4-6; BONNARD, 1972, p. 209). Os companheiros de Alexandre eram os novos senhores do Império persa, tendo casado com as filhas das mais proeminentes famílias satrápias.



200.000 talentos para pagar as dívidas dos seus soldados (ARRIANO, *Anábasis de Alejandro Magno*, VII, 4, 5; JOUGUET, 1972, p. 67). Tudo no mesmo dia, segundo o tradicional costume persa²⁵. Para Alexandre, o fim da jornada seria Babilónia, onde morreu a 10 de Junho de 323 a.C., com 32 anos de idade, após uma doença de cerca de 10 dias²⁶.

Terminava assim uma gesta de 11 anos de marcha, em que os soldados de Alexandre percorreram quase 20.000 km, isto é, perto de metade do perímetro da Terra (45.097 km)²⁷, que pode ser assim sintetizada cronológica e geograficamente, bem como em termos de objectivos e motivações principais:

Etapas	Anos(a.C.)	Regiões	Objectivos/Motivações
1ª	334-331	A conquista das regiões mediterrânicas (de Granico e Issos ao Egipto)	- Reforçar o poder da monarquia macedónia na Europa: 2 formas: * libertar as cidades gregas da Ásia Menor; * Inutilizar o poderio marítimo persa.
2ª	331-330	A conquista das capitais persas e o fim do Império Aqueménida (Gaugamela, Babilónia, Susa, Ecbátana, Persépolis)	- Perseguir o Grande Rei dos Persas, Dario III; - Captar recursos financeiros susceptíveis de sustentarem as campanhas.
3ª	330-327	A conquista das satrapias orientais (Pártia, Hircânia, Margiana, Ariana, Drangiana, Bactriana, Sogdiana, Aracósia...)	- Eliminar os assassinos de Dario III, nomeadamente Besso, o sátrapa da Bactriana e seus acólitos.
4ª	327-324	A campanha da Índia e o retorno (Punjab, rei Poros, Gedrósia, «Bodas de Susa», Babilónia)	- Estender os domínios macedónios até ao fim do mundo conhecido (Ganges).

Quadro 1 – A progressão histórico-geográfica do império de Alexandre de 334 a 324 a.C.

²⁵ Ao mesmo tempo que incentiva os casamentos, Alexandre helenizava 30.000 jovens persas (*epigonoí*), fazendo-os aprender a língua, os costumes e a arte militar dos Macedónios. A par dos métodos de combate, os *epigonos* aprendiam os modos de pensamento correntes da Grécia, cumprindo, assim, um prévio plano de helenização, constituindo um contrapeso (*antitagma*) aos Macedónios (HECKEL, 2010, p. 185, 186).

²⁶ Sobre os rumores e a propaganda desenvolvida em torno da morte de Alexandre, Vide BOSWORTH, 1971, p. 113-136, e ERSKINE, 2002, p. 163-179.

²⁷ Em determinadas ocasiões, chegaram a cobrir 600 km em 10 dias, muitas vezes em condições geográficas e climáticas particularmente adversas: de escaldantes desertos de calor abrasador, até zonas de terrível frio e neve, passando por extensas planícies, áreas pantanosas e zonas de montanhas escarpadas. No regresso do Indo, o grupo de Alexandre, que viajou por terra, teve de enfrentar um autêntico calvário no tórrido deserto da Gedrósia, no actual Baluquistão (ARRIANO, *Anábasis de Alejandro Magno*, VI, 22 e ss.), com inúmeras baixas humanas (c. 90.000 homens nos 70 dias de marcha) e morte de animais de carga, à fome e à sede. Os soldados alimentaram-se de cavalos, burros e camelos abatidos (BONNARD, 1972, p. 168, 169, 185, 186). Chegaram a Susa num estado deplorável.



Sou superior (...) a todos os anteriores a mim, na arte militar (...). Basta a fama para (...) esclarecer sobre o rei que eu fui (...). Persegui os assassinos de meu pai e, depois de aterrar os Gregos com a destruição de Tebas, fui por eles eleito. E não considerei digno, ao cuidar do governo dos Macedónios, contentar-me com comandar quantos meu pai me deixara (...); invadi a Ásia com um punhado de gente e ganhei a grande batalha de Granico. E tomei a Lídia e a Iónia e a Frígia e, deitando em resumo a mão continuamente a tudo que estava diante de mim, dirigi-me para Issos onde Dario me aguardou com um exército de muitas dezenas de milhares de homens (...). E para não estar a descrever-te o que se passou em Tiro nem em Arbela, ao menos dir-te-ei também que alcancei a Índia e fiz do Oceano a fronteira do meu império. E tomei os elefantes deles e dominei Poros e venci os Citas, que não são homens de somenos, numa grande batalha de cavalaria, depois de atravessar o Tánaís. E favoreci os amigos e puni os inimigos (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos* XII).

Foi assim que Luciano passou sucintamente em revista, em discurso directo, toda a actividade político-militar de Alexandre Magno, fixando, sobretudo, os traços de um rei impetuoso, decidido e vitorioso a toda a linha²⁸.

Tema Livre

Para muitos o mais carismático e heróico rei de todos os tempos e um dos maiores génios militares da História²⁹, cuja fama ainda hoje tem ressonâncias ideológicas actantes, principalmente na Grécia contemporânea e nos países dos Balcãs, Alexandre Magno foi, de facto, o primeiro grande conquistador a unir a Grécia, o Egipto, a Ásia Menor e a Ásia, dominando um império que se estendia do Adriático ao Indo, do Danúbio às cataratas do Nilo, criando um poderoso sincretismo étnico entre os Macedónios e as populações conquistadas (especialmente com os Persas Aqueménidas) e assegurando a expansão das ideias, cultura e mentalidade dos Gregos. Ao conquistar o

28 Luciano (120-190), conferencista itinerante e prosador, «bárbaro» de língua e nascimento (Samosatos, Síria Comagena, no Alto Eufrates), considerado um dos mais perfeitos e conhecedores e estilistas da literatura helénica, dá-nos conta nos seus *Diálogos dos Mortos*, de forma irónica e crítica, da concepção que a posteridade tinha da actuação de política e militar de Alexandre Magno.

29 Pierre Lévêque (LÉVÊQUE, 1964, p. 345), por exemplo, considera-o, em termos militares, «le plus génial des organisateurs». Andrew Erskine ((ERSKINE, 2002, p. 163, 164), por seu turno, afirma: «He had been the most powerful man in the world, the master of an empire that extended from Greece to India; he has descended from the gods, some even viewed him as divine».



império Aqueménida realizou, talvez, o evento mais importante da história do Próximo Oriente³⁰, deslocando para Este o centro de gravidade do mundo do seu tempo, transformando simultaneamente a civilização helénica e as civilizações do Oriente.

Independentemente do papel da propaganda e dos «fazedores de mitos» da Antiguidade, da tradição apologetica sobre a figura de Alexandre e das posições mais radicais ou moralistas, mais metafísicas ou mais impiedosas, que a moderna historiografia tem desenvolvido em torno da figura histórica de Alexandre (HECKEL, 2010, p. 13, 32; STONEMAN, 2008, p. 33-37), as quatro grandes batalhas travadas entre 334 e 326 a.C.³¹, a saber, as batalhas de Granico (Maio-Junho de 334 a.C.) - em que Alexandre derrota os sátrapas da Ásia Menor, chefiados por Mémnon de Rodes e Mitridates (genro de Dario III), e, em consequência, se apodera da parte norte da Ásia Menor -, de Issos (Novembro de 333 a.C.) - em que derrota, de novo, os Persas Aqueménidas, agora chefiados por Dario III, apoderando-se sucessivamente de Babilónia, Susa, Persépolis e Pasárgada, outras capitais reais -, de Gaugamela ou Arbela (331 a.C.) - em que vence definitivamente o «Grande Rei» Dario III - e de Hidaspes (326 a.C.) - em que domina o rei Poro do Punjab que, depois, se tornaria um fiel aliado - foram os momentos mais memoráveis das suas campanhas em território asiático, durante as quais se forjou uma nova e diferente definição do conceito de «império» (McCOY, 1989, p. 413-433).

Tema Livre

Estes momentos da transição do império, que, *grosso modo*, correspondem também a várias etapas da sua progressão militar-geográfica, denotam, por sua vez, a assunção de diferentes papéis e estatutos políticos: de simples rei dos Macedónios, a chefe de uma coligação de Estados gregos e, por fim, a senhor de um império oriental como sucessor dos Aqueménidas.

Mesmo com os aspectos mais utópicos que lhe estão associados (a fraternidade, a igualdade, o mérito, a união) e com o resultado histórico que se conhece (a malograda tentativa de contrabalançar as duas grandes etnias, a fragmentação do império em múltiplos reinos, após lutas intestinas pela sua posse), o império de Alexandre marcou uma ruptura (política e cultural) e precipitou a transformação do mundo: «o mundo deixa de ser o que era» (FERGUSON, 1973, p. 9, FRYE, s.d., p. 175; MOSSÉ, SCHNAPP-GOURBEILLON, 1994, p. 411). Como diz Pierre Lévêque, o reinado de Alexandre «changera la face de l'Hellade et du monde oriental» (LEVEQUE,

30 Para Richard Frye (FRYE, s.d., p.175) é mesmo «o mais importante acontecimento da história do Próximo Oriente».

31 «The dogma of "the four Great battles of Alexander"» (DEVINE, 1986, p. 263).



1964, p. 339). O seu breve reinado pôs fim ao imenso império construído por Ciro II, o Grande, a partir de meados do século VI a.C., e à civilização grega clássica: «o mundo que nasceu com as conquistas de Alexandre já não é exactamente o mesmo que o mundo de Demóstenes» (MOSSE, SCHNAPP-GOURBEILLON, 1994, p. 7, 8; MOSSE, 2005, p. 12).

Abstract: When Alexander became king of Macedonia, Demosthenes called him “harmless boy”. Fact is that the young king, in little more than one year, unified Greece, was designated *hegemon* (supreme commander of the Greek forces), initialized direct hostilities with the Persians and, in just over two years (334 to 332 B.C.), conducted a series of unstoppable conquests from the Black Sea to the Nile Valley, removing numerous cities and regions from the Achaemenid dominion. Later, Alexander conquered royal capitals such as Babylon, Susa, Persepolis and Pasargadae and with the consequent withdrawal of countless financial and monetary richness he became lord of a vast empire. After the death of *Darius III Codomannus*, Alexander is proclaimed heir of the Achaemenid Empire, performing, thus, the most important political event in the history of the Near East of his time. Alexander was, in fact, the first great conqueror who united Greece, Egypt, Asia Minor and Asia, dominating an empire that extended from the Adriatic to the Indus, from the Danube to the Nile cataracts, creating a powerful ethnic syncretism between the Macedonians and the conquered populations (especially with the Persian Achaemenids) and ensuring the expansion of the ideas, the culture and the mentality of the Greeks.

Keywords: Alexander the Great, military victories, political and cultural identity.

REFERÊNCIAS

Fontes

ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno. Libros I-III e IV-VIII (Índia)*. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

LUCIANO. *Diálogos dos Mortos*. Coimbra: INIC/ Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1989.

PLUTARCO. *Vida de Alexandre*. In: BENOIST-MÉCHIN, *Alexandre Magno (356-323 antes de Cristo)*. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1980, p. 289-364.

_____. *Vidas Paralelas - Demóstenes e Cícero*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

QUINTO CÚRCIO RUFO. *Historia de Alejandro Magno*. Madrid: Editorial Gredos, 1986.



AAVV. **Images and ideologies. Self-definition in the Hellenistic world.** Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California, 1993.

ANDERSON, M. The Imagery of "The Persians". **Greece & Rome**, Cambridge, Second Series, Vol. 19, N° 2, 1972, p. 166-174.

ANSON, Edward M. Philipp II, Amyntas Perdikkas, and Macedonian Royal succession. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Wiesbaden, 58, 3, 2009, p. 276-286.

_____. **Alexander the Great: Themes and issues.** London: Bloomsbury Academic. 2013.

AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine. **L'Orient et la Grèce antique.** Paris: Quadrige/ PUF, 1953.

BADIAN, E. Alexander the Great and the Unity of Mankind. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Wiesbaden, 7, 4, 1958, p. 425-444.

_____. The Death of Philip II. **Phoenix**, Ontario, Vol. 17, N° 4, 1963, p. 244-250.

BAKHUIZEN, S. C. Thebes and Boeotia in the Fourth Century B. C. **Phoenix**, Ontario, Vol. 48, N° 4, 1994, p. 307-330.

BENOIST-MECHIN. **Alexandre Magno (356-323 antes de Cristo).** Porto: Lello & Irmãos Editores, 1980.

BERNARD, André. **Leçon de civilisation.** Paris: Fayard, 1994.

_____. **Alexandrie des Ptolémées.** Paris: CNRS, 1995.

_____. **Alexandrie la grande.** Paris: Hachette, 1996.

BOSCH-PUCHE, Francisco. The Egyptian Royal Titulary of Alexander The Great, I: Horus, Two Ladies, Golden Horus, and Throne Names. **The Journal of Egyptian Archaeology**, London, 99, 2013, p. 131-154.

_____. The Egyptian Royal Titulary of Alexander The Great, II: Personal Name, empty cartouches, final remarks, and Appendix. **The Journal of Egyptian Archaeology**, London, 100, 2014, p. 89-109.

BONNARD, André. **Civilização Grega. III. De Eurípides a Alexandria.** Lisboa: Estúdios Cor, 1972.

BOSWORTH, A. B. Philip II and Upper Macedonia. **The Classical Quarterly**, Cambridge, New Series, Vol. 21, N° 1, 1971, p. 93-105.

_____. The Death of Alexander the Great: Rumor and Propaganda. **The Classical Quarterly**, Cambridge, New Series, Vol. 21, N° 1, 1971, p. 112-136.

_____. A Missing Year in the History of Alexander the Great. **The Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, Vol. 101, 1980, p. 17-39.

_____. Alexander and the Iranians. **The Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, Vol. 100, 1981, p. 1-21.

_____. Alexander the Great and the decline of Macedon. **The Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, Vol. 106, 1986, p. 1-12.

_____. **Conquest and Empire: The reign of Alexander the Great.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BOWDEN, Hugh. **Alexander the Great. A very short introduction.** Oxford: Oxford University Press, 2014.

BOWRA, Cecil Maurice. **Grécia Clássica.** Rio de Janeiro; Livraria José Olympio, 1965.



BRIANT, Pierre. **De la Grèce à l'Orient. Alexandre le Grand**. Paris: Gallimard, 1987.

_____. **Alexandre le Grand**. Paris: PUF, 1994.

_____. **Alexander the Great and his empire: A short introduction**. Princeton: Princeton Univ. Press, 2010.

_____. **Darius. In the shadow of Alexander**, Massachusetts: Harvard University Press, 2015.

BRUNT, P.A. Alexander's Macedonian Cavalry. **The Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, Vol. 83, 1963, p. 27-46.

BUCKLER, John. The Actions of Philip II in 347 and 346 B. C.: A Reply to N. G. L. Hammond. **The Classical Quarterly**, Cambridge, New Series, Vol. 46, N° 2, 1996, p. 380-386.

BURN, A. R. **As cidades rivais da Grécia. Das origens à conquista romana**. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

BURSTEIN, Stanley M. Pharaoh Alexander: a scholarly myth. **Ancient History**, Leuven, 22, 1991, p. 139-145.

CABANES, Pierre. **Le monde hellénistique. De la mort d'Alexandre à la paix d'Apamée (323-188)**. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

CAGNAZZI, Silvana. Il Grande Alessandro. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Wiesbaden, 52, 2, 2005, p. 132-143.

CARTER, Carlos. Alexander the Great through Achaemenid Spacetime. **Persephone: The Harvard Undergraduate Classics Journal**, Massachusetts, Vol. 1, No. 2, 2016, p. 10-15.

CHUGG, Andrew Michael, **Concerning Alexander the Great. A reconstruction of Cleitarchus**. AMC Publications, 2015.

CLOCHE, Paul. **Histoire da Macédoine jusqu'à l'avènement d'Alexandre le Grand**. Paris: Payot, 1960.

COOK, J. M. **Os Gregos. Na Jónia e no Oriente**. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

CROMPTON, Samuel Willard. **Alexander the Great**. New York: Chelsea House, 2013.

DEVINE, A. M.. Demythologizing the Battle of the Granicus. **Phoenix**, Ontario, Vol. 40, N° 3, 1986, p. 265-278.

DROYSEN, Gustave. **Alexandre Le Grand**. Bruxelles: Editions Complexe, 1991.

DURAND, Mathieu de. **História abreviada da Grécia antiga**. Lisboa; Editorial Notícias, 1993.

ELLIS, J. R. Amyntas Perdikka, Philip II and Alexander the Great. A study in conspiracy. **The Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, Vol. 91, 1971, p. 15-24.

ENGELS, Donald. Alexander's Intelligence System. **The Classical Quarterly**, Cambridge, New Series, Vol. 30, N° 2, 2002, p. 327-340.

ERRINGTON, R. Malcolm. **A History of the Hellenistic World: 323 - 30 BC**. Oxford: Blackwell Pub Ltd., 2008.

ERSKINE, Andrew. Life after Death: Alexandria and the Body of Alexander. **Greece & Rome**, Cambridge, Second Series, Vol. 49, N° 2, 2002, p. 163-179.

ERSKINE, Andrew (dir.). **Le Monde Hellénistique. Espaces, sociétés, cultures - 323-31 av. J.-C.** Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2004.

FAVARD-MEEKS, Christine. Le Delta égyptien et la mer jusqu'à la fondation d'Alexandrie. **Studien zur Altägyptischen Kultur**, Hamburgo, 1989, p. 39-63.



FRASER, P. M. **Cities of Alexander the Great**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

FERGUSON, John. **A herança do Helenismo**. Lisboa: Editorial Verbo, 1973.

FERREIRA, José Ribeiro. **Hélade e Helenos. Génese e evolução de um conceito**. Coimbra: INIC, 1992a.

_____. **Grécia antiga. Sociedade e Política**. Lisboa: Ed. 70, 1992b.

FLOWER, Michael. Alexander the Great and panhellenism. In: BOSWORTH, A. B.; BAYNHAM, E. J. (eds.). **Alexander the Great in fact and fiction**. Oxford/ New York: Oxford University Press, 2000, p. 96-135.

FOX, Robin Lane. **Alexander the Great**. London: Penguin Books, 2004.

FREEMAN, Charles. **Egypt, Greece and Rome. Civilizations of the Ancient Mediterranean**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

FRYE, Richard N. **A herança persa**. Lisboa: Editora Arcádia, s.d.

GABRIEL, Richard A. **The madness of Alexander the Great and the myth of military genius**. South Yorkshire: Pen & Sword, 2015.

GAVRYUSHKINA, Marina. The Persian Alexander: The Numismatic Portraiture of the Pontic Dynasty. **Berkeley Undergraduate Journal of Classics**, Berkeley, 2 (1), 2013, p. 1-16.

GAUTHIER, Philippe. Histoire grecque et monarchie. In: LADURIE, Emmanuel Le Roy (dir.). **Les Monarchies**. Paris: PUF, 1986, p. 43-62.

GREEN, Peter. **D'Alexandre à Actium. Du partage de l'empire au triomphe de Rome**. Paris: Robert Lafont, 1997.

_____. **Alexander of Macedon, 356-323 B.C.: A historical biography**. Berkeley: University of California Press, 2013.

GRIFFITH, G. T. Philip of Macedon's Early Interventions in Thessaly (358-352 B. C.). **The Classical Quarterly**, Cambridge, New Series, Vol. 20, Nº 1, 1970, p. 67-80.

GUGGENBERGER, Rainer. Alexandre Magno e a instrumentalização da mitologia grega. Fruto da convicção pessoal, premissa de propaganda ou meio para despertar confiança? In: ESTEVES, Anderson Martins (org.). **Líderes Políticos da Antiguidade**. Rio de Janeiro: Desalinho, 2016, p. 121-154.

HAMMOND, N. G. L. Alexander's Campaign in Illyria. **The Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, Vol. 94, 1974, p. 66-87.

_____. The Battle of the Granicus River. **The Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, Vol. 100, Centenary Issue, 1980a, p. 73-88.

_____. Some Passages in Arrian concerning Alexander. **The Classical Quarterly**, Cambridge, New Series, Vol. 30, Nº 2, 1980b, p. 455-476.

_____. The Royal Journal of Alexander. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Wiesbaden, 37, 2, 1988, p. 129-150.

_____. Aspects of Alexander's Journal and Ring in His Last Days. **The American Journal of Philology**, Baltimore, Vol. 110, Nº 1, 1989, p. 155-160.

_____. Arms and the King: The Insignia of Alexander the Great. **Phoenix**, Ontario, Vol. 43, Nº 3, 1989a, p. 217-224.

_____. **Alexander the Great – king, commander and statesman**. Bristol: Bristol Classical Press, 1989b.

_____. Philip's Actions in 347 and Early 346 B. C. **The Classical Quarterly**, Cambridge, New Series, Vol. 44, Nº 2, 1994, p. 367-374.

_____. **The genius of Alexander Great**. London: Gerald Duckworth, 1997.



HECKEL, Waldemar. The Conspiracy Against Philotas. **Phoenix**, Ontario, Vol. 31, Nº 1, 1997, p. 9-21.

_____. **Who's who in the Age of Alexander the Great. Prosopography of Alexander's Empire.** Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

_____. **Las conquistas de Alejandro Magno.** Madrid: Editorial Gredos, S.A., 2010.

_____. **Alexander's Marshals. A study of the Makedonian aristocracy and the politics of military leadership.** London/ New York: Routledge, 2016.

HECKEL, Waldemar; YARDLEY, J. C. **Alexander the Great. Historical sources in translation.** Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

HERRENSCHMIDT, Clarisse. L'empire perse achéménide. In: DUVERGER, Maurice (dir.). **Le concept d'empire.** Paris: PUF, 1980, p. 69-102.

HOLT, Frank Lee. Alexander the Great and Bactria: The Formation of a Greek Frontier in Central Asia. Leiden/ New York: E.J. Brill, 1989.

_____. **Alexander the Great and the Mystery of the Elephant Medallions.** Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 2003.

_____. **The Treasures of Alexander the Great: How One Man's Wealth Shaped the World.** New York: Oxford University Press, 2016.

JOUGUET, Pierre. **L'impérialisme macédonien et l'hellénisation de l'Orient.** Paris: Éditions Albin Michel, 1972.

KELLY, T. Persian propaganda. A neglected factor in Xerxes' invasion of Greece and Herodotus. **Iranica Antiqua**, Leiden, Vol. 38, 2003, p. 1-47.

KITTO, H. D. F. **Os Gregos.** Coimbra: Arménio Amado Editora, 1990.

LADYNIN, Ivan. Defence and Offence in the Egyptian Royal Titles of Alexander the Great. In: ULANOWSKI, Krzysztof (ed.). **The religious aspects of war in the Ancient Near East, Greece, and Rome.** Leiden/ Boston. 2016, Brill, p. 256-271.

LEÃO, Delfim Ferreira, Alexandre Magno: da estratégia pan-helénica ao cosmopolitismo. In: CASANOVA, Angelo (coord.). **Atti del convegno internazionale di studi "Plutarco e l'età ellenistica".** Firenze: Università degli Studi di Firenze, 2005, p. 23-37.

_____. Do *polites* ao *kosmopolites*. **Anuario de Estudios Filológicos**, Universidad de Extremadura, 32, 2009, p. 157-174.

_____. Alexandre Magno: da estratégia pan-helénica ao cosmopolitismo. In: **A Globalização no mundo antigo. Do *polites* ao *kosmopolites*.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 97-110.

LEVEQUE, Pierre. **L'Aventure Grecque.** Paris: Armand Colin, 1964.

_____. Empire d'Alexandre et empires hellénistiques. In: DUVERGER, Maurice (dir.). **Le concept d'empire.** Paris: PUF, 1980, p. 103-120.

_____. **O Mundo Helenístico**, Lisboa: Edições 70, 1987.

MARKLE, M.M. The Strategy of Philip in 346 B. C. **The Classical Quarterly**, Cambridge, New Series, Vol. 24, Nº 2, 1974, p. 253-268.

MACDERMOT, B. C.; SCHIPMANN, Klaus. Alexander's march from Susa to Persepolis. **Iranica Antiqua**, Leiden, 34, 1999, p. 283-308.

MEEUS, Alexander. Some institutional problems concerning the succession to Alexander the Great: *prostasia* and chiliarchy. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Wiesbaden, 58, 3, 2009, p. 287-310.

McCOY, W. J. Memnon of Rhodes at the Granicus. **The American Journal of Philology**, Baltimore, Vol. 110, Nº 3, 1989, p. 413-433.



MONTEIRO, João Gouveia, Gaugamela (331 a.C.): Alexandre Magno — conquistar a Pérsia e depois o mundo. In: **Grandes conflitos da história da Europa. De Alexandre Magno a Guilherme "o Conquistador"**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra 2012, p. 17-72.

MOSSÉ, Claude. **Alexandre. O destino de um mito**. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 2005.

MOSSÉ, Claude; Schnapp-Gourbeillon, Annie. **Síntese de história grega**. Porto: Edições Asa, 1994.

MOSSMAN, J. M. Tragedy and Epic in Plutarch's Alexander. **The Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, Vol. 108, 1988, p. 83-93.

MUCCIOLI, Federicomaria, 'Il re dell'Asia': ideologia e propaganda da Alessandro Magno a Mitridate VI. In: CRISCUOLO, Lucia; GERACI, Giovanni; BENCIVENNI, Alice (eds.). **Simblos. Scritti di Storia Antica**, Bologna, 4, 2005, p. 105-158.

MURISON, C. L. Darius III and the Battle of Issus. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Wiesbaden, 21, 1972, p. 399-423.

NAWOTKA, Krystof. Persia, Alexander the Great and the kingdom of Asia. **Klio. Beiträge zur Alten Geschichte**, Berlin, 94/ 2, 2012, p. 348-356.

OLBRYCHT Marek Jan. Alexander the Great at Susa (324 B.C.). In: BEARZOT, Cinzia; LANDUCCI, Franca (eds.). **Alexander's Legacy. Atti del Convegno Università Cattolica del Sacro Cuore. Milano 2015**. Milano: «L'ERMA» di Bretschneider, 2016, p. 61-72.

O'BRIEN, John Maxwell. **Alexander the Great. The Invisible Enemy. A Biography**. London: Routledge, 1994.

O'NEIL, J. L. Royal Authority and City Law under Alexander and His Hellenistic Successors. **The Classical Quarterly**, Cambridge, New Series, Vol. 50, Nº 2, 2000, p. 424-431.

PALAIÁ, Olga. **The Impact of Alexander the Great on the Arts of Greece**. Leiden: The Babesch Foundation. 2015.

PEARSON, Lionel. The Development of Demosthenes as a Political Orator. **Phoenix**, Ontario, Vol. 18, Nº 2, 1964, p. 95-109.

POLIGNAC, François de. From the Mediterranean to Universality? The myth of Alexander, Yesterday and today. **Mediterranean Historical Review**, London, Vol. 14, No. 1, 1999, p. 1-17.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena. **Estudos de História da Cultura Clássica. I Volume - Cultura Grega**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

ROMILLY, Jacqueline de. Les Barbares Dans la Pensée de la Grèce Classique. **Phoenix**, Ontario, Vol. 47, Nº 4, 1993, p. 283-292.

RYDER, T. T. B. Demosthenes and Philip's Peace of 338/7 B. C. **The Classical Quarterly**, Cambridge, New Series, Vol. 26, Nº 1, 1976, p. 85-87.

SALES, José das Candeias. As campanhas de Alexandre Magno e a definição de uma (nova) identidade político-cultural no final do séc. IV a.C. **Discursos. Língua, Cultura e Sociedade**, Lisboa, III Série, nº 1, 1999, p. 57-89.

_____. *Alexandrea ad Aegyptum*. Protótipo de metrópole universal. **Discursos. Língua, Cultura e Sociedade**, Lisboa, III Série, nº 5, 2003, p. 83-105.

_____. **Ideologia e propaganda real no Egípto Ptolomaico (305-30 a.C.)**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005a.



_____. Prodígios e presságios como marcas da sobrenaturalidade de um herói predestinado: o caso de Alexandre Magno. **Cadmo**, Lisboa, 15, 2005b, p. 71-104.

_____. **Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemáticas**. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

SAUNDERS, Nicholas N. **Alexander's tomb. The two thousand year obsession to find the lost conqueror**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2006.

SLATER, W. J. The Epiphany of Demosthenes. **Phoenix**, Ontario, Vol. 42, Nº 2, 1988, p. 126-130.

STONEMAN, Richard. **Alexandre, O Grande**. Lisboa: Edições 70, 2008.

STONEMAN, Richard; ERICKSON, Kyle; NETTON, Ian (eds.). **The Alexander Romance in Persia and the East**. Gronigen; Gronnigen University Library, 2012.

TATUM, W. J. The Regal Image in Plutarch's Lives. **The Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, Vol. 116, 1996, p. 135-151.

Van der SPEK, Robartus J. Darius III, Alexander The Great and Babylonian Scholarship. In: HENKELMAN, Wouter; KUHRT, Améle (eds.). **A Persian Perspective. Essays in Memory of Heleen Sancisi-Weerdenburg**. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2003, p. 289-346.

WEIGALL Arthur. **Alexandre Le Grand**. Paris: Payot. s.d.

WORTHINGTON, Ian. **Alexander the Great. Man and god**. London: Routledge, 2004.

_____. **By the spear: Philip II, Alexander the Great, and the rise and fall of the Macedonian Empire**. Oxford: Oxford Univ. Press, 2014.